

Ilustração de Maria Barreto, EB23 DR. Horácio Bento de Gouveia (Funchal)

2





HBG no 'Parlamento dos Jovens'

O 'Parlameanto dos Jovens', iniciativa da Assembleia da República, em parceria com a Assembleia Legislativa da Região Autónoma da Madeira e a Direção Regional de Educação, promove a educação para a cidadania, de acordo com o respetivo Regimento, disponível em <https://jovens.parlamento.pt>. Na edição deste ano, dedicada ao tema 'Literacia Financeira – Os Jovens contam!', a participação na nossa escola voltou a ser muito significativa, contando com seis listas concorrentes.

Para impulsionar a reflexão, a professora Ana Paula Noite dinamizou uma sessão dedicada ao tema e à identificação dos principais problemas económicos que afetam os jovens, a partir dos quais cada lista criou três medidas. Tal como nos anos anteriores, a campanha eleitoral transformou o nosso espaço escolar num verdadeiro exercício de democracia. As listas realizaram uma "arruada", com *t-shirts*, faixas e cartazes com apelos ao voto.

As eleições registaram uma participação extraordinária: 44,64% dos alunos votaram, totalizando 583 votos!

O apuramento dos 31 deputados à Sessão Escolar foi feito através do método de Hondt. Seguiu-se um período de preparação

para a Sessão Escolar, marcado por algum nervosismo entre os eleitos. Era fundamental aprender a defender propostas, argumentar de forma crítica e debater com respeito as ideias dos outros participantes. A Sessão Escolar, realizada a 21 de janeiro, começou com a Tomada de Posse dos Deputados e a apresentação das 18 Medidas propostas. O debate foi produtivo e culminou na aprovação do Projeto de Recomendação da HBG, composto pelas seguintes medidas:

- **1. Promoção de um crédito à habitação mais vantajoso para jovens;**
- **2. Aumento do rendimento das famílias, para que os jovens possam depositar o abono de família numa conta poupança jovem;**
- **3. Apoio ao empreendedorismo jovem, com isenção do imposto sobre o investimento, direcionando esse valor para um PPR.**

Seguiu-se a eleição, por voto secreto, dos Deputados que representarão dignamente a nossa escola na Sessão Regional: Isabel Romeira, Luana Kyrychenko, João Silva e Eduardo Abreu. O aluno Omar Encarnação será o Jornalista e a aluna Vitória Silva será a Candidata à Presidência da Mesa. Sem dúvida, o 'Parlamento dos Jovens' é uma autêntica experiência de cidadania ativa, que nos permite compreender a importância do debate democrático e da participação dos jovens na construção da sociedade.

Luana Kyrychenko e Omar Encarnação
EB23 Dr. Horácio Bento de Gouveia (Funchal)



Crescer Sem Medo



adolescência deveria ser uma fase de descoberta e crescimento, mas para muitos jovens transforma-se num período marcado pelo medo e pela exclusão. Isto acontece devido ao *bullying* que, além de ocorrer nas escolas, também se estende à Internet, através do *cyberbullying*.

O *bullying* provoca diversas consequências nas vítimas, como ansiedade, depressão, baixa autoestima, prejuízos no rendimento escolar e isolamento social, podendo, em casos extremos, levar ao suicídio. Isto afeta não só o bem-estar emocional dos jovens, mas também o seu desenvolvimento pessoal e académico.

Mas porque é que isto acontece? Porque é que alguém decide menosprezar o outro?

Normalmente, está relacionado com a necessidade de aceitação e poder, a influência dos amigos, a pressão para "se encaixar" num grupo ou preconceitos já interiorizados.

Os comentários sobre a aparência, os gostos ou a maneira de vestir controlam a vida dos jovens: impedem-nos de ser quem são, fazem-nos sentir mal e criam a necessidade de mudar para agradar aos outros. A verdade é que ouvimos falar sobre o *bullying* muitas vezes, mas ele continua a existir e não podemos fechar os olhos a esta realidade. Não basta apenas alertarmos, é necessário promover o respeito, a aceitação das diferenças e a aplicação de consequências quando estas situações ocorrem.

Crescer não é fácil, mas sem o *bullying* seria um pouco melhor: poder ser quem somos sem medo. Combater o *bullying* é responsabilidade de todos: escola, família e colegas. Às vezes, basta uma única palavra para mudar a vida de alguém.

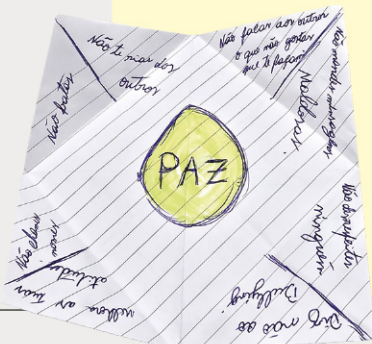
Sara Mendes
EBS/PE da Calheta

Bullying

A professora Graça Cassaca, depois de ter participado numa formação sobre *bullying*, lançou-nos, no Clube 'VideoFoto', o desafio de fazermos um "quantos queres" sobre este tema, que é muito atual. O *bullying* pode acontecer de várias formas: através da internet (mensagens ou redes sociais), verbalmente ou psicologicamente. Assim, é essencial que falemos com frequência sobre esta temática e que aprendamos diferentes formas de reagir, de modo a combater o *bullying* ou ajudar qualquer colega que seja vítima destas situações. Temos de estar atentos e apoiar-nos uns aos outros, porque não devemos fazer aos outros aquilo que não queremos que nos façam. A professora ajudou-nos a fazer as dobragens e, depois, deixou-nos "dar asas à imaginação".

Gostei muito de fazer o meu "quantos queres" e de jogar com os meus colegas e com a professora.

Carolina Correia
EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva (Funchal)



CURIOSIDADES

1 Na Grécia Antiga, **apenas os homens livres nascidos na cidade-estado eram considerados cidadãos.** Mulheres, escravos e estrangeiros não possuíam direitos políticos.

Margarida Spínola
EB/PE do Porto da Cruz (Machico)

2 Estrangeiros que residem legalmente em Portugal podem votar e, em alguns casos, candidatar-se nas eleições autárquicas da sua área de residência, **desde que exista reciprocidade entre Portugal e o país de origem.**

3 O termo cidadania deriva do latim *civitas*, que significa 'cidade' ou 'comunidade de cidadãos', **refletindo a sua origem associada à vida nas cidades e à participação na comunidade.**



iShare, o ganho está na partilha!

■ O projeto iShare nasceu em 2013, por iniciativa do Grupo de Inglês da EBS Padre Manuel Álvares. No início, faziam parte apenas professores da disciplina de Inglês, mas atualmente também participa um professor de Educação Visual. Este projeto foi criado para ajudar a comunidade e também direcionar os alunos para um consumo mais responsável, sustentável, preocupado com o ambiente, promovendo a reutilização de objetos, roupas, calçado, artigos para o lar e outros.



organizar e separar roupas e participar em atividades e eventos. Além disso, o projeto conta com o apoio da Câmara Municipal da Ribeira Brava.

A loja social iShare ajuda muitas pessoas e tenta perceber quais são as suas maiores necessidades. Quando é preciso, entra em contacto com empresas e particulares para conseguir mais apoios.

Este projeto não se fica apenas pelo espaço físico da loja, mas sempre que possível ultrapassa os muros da escola e acompanha eventos do município, chegando mesmo a se deslocar a várias localidades, especialmente às zonas mais afastadas da Vila da Ribeira Brava, as chamadas zonas altas do concelho.

Ao longo dos anos, a loja social iShare já ajudou milhares de pessoas em toda a região. É, sem dúvida, um projeto muito importante, que merece ser valorizado e apoiado por todos nós. **VAMOS PARTILHAR!**

Natércia Faria
EBS Padre Manuel Álvares
(Ribeira Brava)

Tudo funciona com base na partilha e na solidariedade. Neste projeto não participam apenas os professores. Os alunos também têm um papel muito importante, pois ajudam como voluntários em várias tarefas, como atender as pessoas,

REPORTAGEM

Sentir a Barreira O Desafio da Acessibilidade no Funchal

Na ilha da Madeira, especificamente nas freguesias do centro do Funchal, a falta de acessibilidade é um problema grave que impede muitos cidadãos de circular com autonomia. Através da nossa observação na disciplina de Cidadania e Desenvolvimento, identificámos barreiras reais, como rampas demasiado inclinadas ou passeios muito estreitos.

Para quem usa cadeira de rodas ou tem mobilidade reduzida, estas estruturas são autênticos obstáculos à dignidade humana. Para fundamentar o nosso projeto, realizámos um inquérito junto da juventude da nossa comunidade. Os resultados revelaram uma percepção parcial da realidade: a maioria das pessoas associa a acessibilidade apenas à mobilidade física (andar), deixando em segundo plano dificuldades auditivas ou visuais. Esta falta de atenção mostra que existe uma

discriminação indireta; mesmo sem haver intenção de excluir, a forma como as nossas ruas e serviços estão organizados acaba por afastar as pessoas com deficiência da participação plena na vida pública. Esta situação viola direitos fundamentais como o direito à igualdade e à liberdade de circulação, consagrados na nossa Constituição.

Para combater esta falta de sensibilização, planeámos a ação 'Percurso às Cegas / Percurso com Limitações'. O nosso plano consiste em convidar colegas sem limitações a experimentar, durante alguns minutos, o que é circular com uma venda nos olhos ou com movimentos condicionados. Acreditamos que, ao "sentirmos na pele" as pedras soltas da calçada ou a ausência de sinais sonoros, haverá uma maior consciência social. O nosso objetivo é que todos compreendam que a acessibilidade não é um favor, mas um direito, e que é responsabilidade de toda a comunidade lutar por um espaço público verdadeiramente inclusivo.

Charlotte Andrade, Inês Gouveia, Manuel Almada, Matilde Ferreira
Externato da Apresentação de Maria (Funchal)



CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS

A voz dos Jovens

Na minha perspetiva, a participação dos jovens na vida política e social do país é muito importante. No entanto, muitos jovens mostram pouco interesse por esses temas. Isso acontece, sobretudo, por falta de informação e de oportunidades.

Acharem que a sua opinião não é levada a sério (o que, muitas vezes, é a realidade). Iniciativas como o 'Parlamento dos Jovens' permitem contrariar essa situação, pois dão voz aos alunos e incentivam a sua participação ativa.

Ao discutir problemas e apresentar propostas de solução, os jovens tornam-se mais interessados e conscientes do seu papel. Assim, ficam mais preparados para intervir de forma informada e responsável.

escola tem um papel fundamental na formação cívica dos jovens, pois é um espaço privilegiado para o desenvolvimento de valores como a responsabilidade, o respeito e a participação democrática. Através de disciplinas como Cidadania e Desenvolvimento, dos debates em sala de aula, dos trabalhos de grupo e de projetos escolares e extracurriculares, os alunos aprendem sobre os seus direitos e deveres como cidadãos, bem como sobre o funcionamento das instituições políticas e sociais.

Estas atividades ajudam-nos a desenvolver o espírito crítico e a formar opiniões próprias. No entanto, muitos jovens continuam a não intervir por se sentirem desvalorizados ou por

Concluindo, a escola desempenha um papel essencial na promoção da participação dos jovens na sociedade. Ao incentivar o diálogo, o espírito crítico e a participação ativa, a escola contribui para formar jovens mais responsáveis e cidadãos capazes de ajudar na construção de uma sociedade mais justa, consciente, responsável e democrática.

Margarida Fernandes
EB/PE/C do Caniçal (Machico)

Tenho direito a sonhar

Tenho direito a sonhar, a olhar o céu sem medo, a acreditar que o meu lugar não é menor ou segredo

Tenho direito à liberdade, de falar, rir e escolher, de viver com dignidade, de ser quem quero ser

Tenho direito à igualdade, a não ser julgado pela cor, pela origem, pela idade, ou pelo que vive no meu interior

Tenho direito à educação, a aprender, a crescer, a descobrir, a abrir portas com a mão e novos caminhos construir

Tenho direito a ser diferente, sem medo de existir, porque é na diferença da gente que o mundo aprende a florir

E enquanto houver esperança no ar, e sonhos dentro do coração, ninguém me pode tirar o direito de sonhar... nem a minha voz, nem a minha visão.

Guadalupe Gomes
Colégio Infante D. Henrique (Funchal)



Eva Pestana
EBS/PE/C D.ª Lucinda Andrade
'Silenciados'
Ilustração vencedora do Prémio Diário
de Notícias — Concurso 'A capa do ATV
é Minha!'

MULHERES

A fragilidade empreendedora

Antigamente as mulheres eram vistas como inferiores na sociedade, sem os mesmos direitos que os homens. Não trabalhavam, ficavam apenas a cuidar da casa e a fazer trabalhos domésticos. Em Portugal, por exemplo, as mulheres casadas não podiam trabalhar fora, viajar, comprar os seus bens e receber heranças sem a autorização explícita do marido. Em Portugal, por exemplo, o acesso a carreiras na justiça ou receber diplomas foi proibido até à revolução de 1974. Cuidar da casa e dos filhos, era tudo responsabilidade da mulher, já o homem ia trabalhar para trazer

o sustento. Durante séculos, as mulheres foram vistas como “eternas menores de idade”, vivendo sob a supervisão de um homem, seja o marido, o pai ou o filho mais velho. O acesso à educação era restrito e focado apenas em trabalhos domésticos.

A entrada da mulher no mercado de trabalho não foi apenas uma mudança económica, mas uma das maiores revoluções sociais da história moderna. Durante séculos, o trabalho feminino era invisível, limitado a trabalhos domésticos já referidos anteriormente.

De qualquer forma, com as guerras mundiais e a revolução industrial, as mulheres ocuparam

lugares que antes eram exclusivos aos homens, quebrando o mito de “fragilidade” e iniciando uma luta por autonomia que dura até hoje. Atualmente, o mercado de trabalho ainda reflete estruturas do passado. O maior obstáculo é a expectativa social de que a mulher seja a principal cuidadora da casa e dos filhos, fazendo com que ela trabalhe, na prática, muitas mais horas por semana do que o homem, o que muitas vezes trava a sua vida profissional. Todos nós temos muito mais a ganhar, tendo os dois géneros em qualquer posição da nossa sociedade tendo em conta que ambos se complementam, o homem com a sua força, dinamismo e a mulher com a sua sensibilidade e sabedoria. Na minha opinião, ambos são

fundamentais, tanto na educação inicial das crianças, como no desenvolvimento das mesmas. Infelizmente, cada vez mais vemos famílias separadas e o impacto que se verifica nos seus filhos. Temos de uma vez por todas acabar com a rivalidade de género, tendo em conta que somos muito mais fortes unidos, unindo as fraquezas e multiplicando a força.

Enquanto mulher gostaria de ser reconhecida pelas minhas ações e não por ser de um determinado género.

Francisca Costa
EBS Gonçalves Zarco
(Funchal)

Se eu vivesse num país sem democracia...

Isto não é uma situação hipotética, é a realidade de muitas famílias na Venezuela, país em que, desde a tomada de posse de Hugo Chavez, em 1999, os seus habitantes vivem em ditadura.

O “Chavismo” é um termo que se refere à ditadura de Chavez que se perpetuou e de como o governo, corrupto, continua com a repressão do povo, tanto que, quem não esteja de acordo com as ideias do sistema autoritário e corrupto do governo pode ser “silenciado” (*cruelmente torturado pelas autoridades e no caso de políticos que se opõem são enviados para o Helicoide*).

Na Venezuela, as pessoas vivem num medo constante, país em que o presidente utiliza a manipulação e, como já antes mencionei, a repressão e a violência, sendo um exemplo desta situação, a manipulação dos resultados eleitorais de 2024, ocasião em que o povo depositou as suas esperanças em Edmundo González. Outro exemplo foi o sequestro de Maria Corina Machado, que lutou ferozmente para acabar com este governo autoritário e opressor, que acabou por “desaparecer”, e a morte de Canserbero, um famoso cantor venezuelano, que usava a música como forma de “rebeldia” e que apareceu misteriosamente morto, no dia 19 de janeiro de 2015.

«Mas a situação já esteve pior».

testemunham familiares que sobreviveram em condições inumanas à crise de 2017, ano em que a hiperinflação e o colapso económico geraram protestos massivos devido à escassez de medicamentos e alimentos. «Nesta altura conseguir um pacote de “harina pan” era uma missão quase impossível.»



Quem tinha sorte conseguia sair do país, como foi o meu caso. Apesar de ter deixado tudo para trás, conseguimos vir para Portugal à procura de melhores condições de vida. Uma das razões que nos fez vir foi a falta de condições mínimas de educação, tínhamos quase só dois a três dias de aulas por semana, sem qualquer material académico, sendo esta uma das razões pelas quais o trabalho infantil é visível. Sinceramente, considero as famílias venezuelanas extremamente fortes! A minha família tem passado por várias dificuldades, as quais enfrentaram com muita coragem. Tenho de dizer que foi muito difícil, para mim, vir viver para a Madeira, mas consegui superar as adversidades graças ao apoio da minha família. Foi complicado aprender português, tinha uma grande barreira à minha frente, como é o caso de muitos emigrantes venezuelanos pelo mundo. Apesar de gostar de viver na Madeira, tenho esperança que a situação na Venezuela melhore e, assim, possa regressar.

Fabíola Santana
EBS/PE/C Bispo D. Manuel Ferreira
Cabral (Santana)



SE CADA PESSOA FIZESSE UM PEQUENO ESFORÇO

Atualmente fala-se muito de direitos humanos e de valores democráticos, mas, na minha opinião, muitas vezes parecem apenas palavras bonitas nos livros ou na televisão. Acho que os direitos humanos deviam ser algo que se sente no dia a dia, na escola, em casa e na forma como tratamos as outras pessoas.

Na escola, acho que dá para perceber que nem todos são tratados da mesma maneira. Há colegas que são gozados por serem diferentes, seja pela forma como se vestem, pela sua origem, pela cor da pele ou até por terem mais dificuldades a

aprender. Na minha perspetiva, quando isto acontece, sentimos que a igualdade ainda não é uma realidade para todos.

OS VALORES DEMOCRÁTICOS DIZEM-NOS QUE TODOS TEMOS DIREITO A DAR A NOSSA OPINIÃO E A SER RESPEITADOS. NO ENTANTO, ACHO QUE MUITAS VEZES OS MAIS NOVOS NÃO SÃO LEVADOS A SÉRIO, COMO SE AS NOSSAS IDEIAS NÃO TIVESSEM IMPORTÂNCIA.

Eu creio que isso não é justo, porque também vivemos neste mundo e temos sentimentos, opiniões e experiências que contam. Para mim, a inclusão é essencial, porque ninguém escolhe ser diferente. Acho que todos queremos sentir que pertencemos a algum lugar e que somos aceites exatamente como somos. Respeitar os direitos humanos é, do meu ponto de vista, tentar compreender os outros, ajudar quem precisa e não julgar sem conhecer. Se cada pessoa fizesse um pequeno esforço para ser mais justa e respeitadora, acho que o mundo podia ser melhor. Para mim, a igualdade começa em gestos simples, como ouvir, respeitar e incluir todos.

Laura Santos
EBS/PE/C Prof. Dr. Francisco
de Freitas Branco (Porto Santo)



Igualdade, inclusão e justiça social

No dia a dia, os conceitos de igualdade, inclusão e justiça social são muito importantes, pois vivemos numa época em que muitas pessoas são obrigadas a mudar de país por diversas razões, como a guerra ou a fome, que leva muitos a procurarem refúgio ou a busca de melhores condições de vida, quando o seu país não lhes consegue oferecer o mínimo.

Por isso, devemos ajudá-las a sentirem-se bem-vindas e integradas na nossa sociedade.

Quando uma família muda de país, depara-se com vários obstáculos, como a língua, a cultura e as regras existentes tendo, muitas vezes, de os ultrapassar sozinha, sem qualquer apoio. No entanto, nós, enquanto nativos, deveríamos ajudá-los a integrar-se, porque, muito provavelmente, se fôssemos nós nessa situação, também gostaríamos de receber ajuda para compreender a nova cultura, as regras e muitos outros aspetos. Por exemplo, o meu pai teve de mudar-se para Londres para me proporcionar melhores condições de vida. Aventurou-se, corajosamente, sem dominar a língua inglesa, sem um trabalho certo, mas encontrou pessoas que o ajudaram em todas as áreas e, graças a isso, lá permaneceu durante oito anos! Isto foi uma demonstração de inclusão e de empatia.

Ao nível da justiça social, o Estado deveria garantir uma distribuição mais justa dos recursos e das oportunidades. Com efeito, no nosso quotidiano, ainda existem situações em que um homem e uma mulher realizam o mesmo trabalho, mas o homem recebe um salário mais elevado. Além disso, nem todos têm o mesmo acesso à saúde e à educação, muitas vezes devido ao seu poder económico ou ao seu género, o que é inadmissível em pleno século XXI.

Concluindo, se todos nós contribuirmos para uma sociedade mais justa e mais igualitária, o mundo tornar-se-á um lugar melhor!

Ariana Pestana
EBS Dr. Luís Maurílio da Silva Dantas
— Carmo (Câmara de Lobos)

DEMOCRACIA

*frágil, imperfeita,
mas indispensável*

Eu nasci na Venezuela, já vivi numa autocracia, já vi com os meus próprios olhos pessoas cujo trabalho árduo era usado para financiar os luxos dos ditadores, cidadãos presos arbitrariamente e torturados só por discordarem do governo, homens e mulheres que se manifestavam pacificamente eram recebidas com disparos e as famílias obrigadas a partir sem nada para um futuro incerto.

A minha experiência mostra um padrão claro: quanto mais direitos e liberdades

são retirados, mais o povo luta pela democracia. A democracia não é um luxo ocidental, é uma necessidade humana. Isto porque a democracia é liberdade, e a liberdade é inerente a qualquer ser humano. Só um povo livre é capaz de ter e usufruir plenamente dos seus direitos. A democracia é um acordo social, o único acordo onde partidos que se destruiriam entre si em vez de o fazer, falam e discutem para o povo decidir. Essa é a chave:

o Povo decide o que quer fazer.

Por isso, não avancemos — ou melhor, não regredamos — para a opressão autoritária, tomemos o caminho onde corrigimos as nossas falhas, investimos na educação da população, sobre política e economia, para serem tomadas melhores decisões, pois só assim, melhorando o pensamento crítico do povo, ou seja, melhorando o nosso próprio pensamento crítico, é que existe a possibilidade de construir democracias mais conscientes e justas.

Assim, defender a democracia não é ignorar os seus defeitos, mas reconhecer que, apesar deles, continua a ser o sistema que melhor protege a nossa dignidade. A vossa dignidade, caros leitores.

Matthew Andrade
EB/PE de Santo António e Curral das Freiras (Funchal)



CORAGEM

Desde muito novos aprendemos
os valores do nosso país,
os nossos direitos,
os nossos deveres,
Aquilo em que acreditamos!

Mas a cidadania é mais do que isso...
É atitude.
É a forma como falamos,
Como sentimos,
Como respeitamos o outro.
É a dignidade, em cada gesto.
É igualdade.

Os direitos humanos não nasceram para o
silêncio,
Foram feitos para ecoar,
Para serem ditos sem medo,
Defendidos com verdades.
É aquilo que fazemos,
E quem mostramos ser.

Somos jovens.
Questionamos, sentimos e reagimos.
Vemos injustiças e recusamos ficar calados.

Temos direito de nos defender
E a coragem para mudar!

O futuro constrói-se agora
E nele, todos têm direito à voz!

Matilde Faria
EB23 da Torre (Câmara de Lobos)

UM MUNDO PERFEITO

Há certos valores que
nos fazem pensar.
Se alguém cai?
ajudamo-la a levantar!

Se é para mudar o mundo
que seja para melhor!
Caminharemos lado a lado,
seremos algo maior.

Mesmo sendo diferentes
temos algo em comum
O nosso sangue é vermelho
em todos e cada um.

Não te deixes ser julgado,
o Mundo não é um tribunal
Tu és como és,
mais ninguém é igual.

Lembra-te, que se te incluíres
não há motivo para não sorris!

Artur Pereira
Colégio dos Salesianos do Funchal

Ilustração de Ana Matilde Pereira
Externato da Apresentação de Maria
(Funchal)

Mais Direitos, Menos Conflitos

No dia 21 de janeiro de 2026, pelas 11h30, todas as turmas de sétimo ano da Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos do Estreito de Câmara de Lobos realizaram uma Marcha de Sensibilização dos Direitos Humanos.

A marcha percorreu as ruas à volta da escola e os participantes expressaram, de forma pacífica e unida, as suas preocupações e reivindicações sobre esta temática, tendo sido um sucesso, porque as pessoas saíram dos seus estabelecimentos e paravam na rua para poderem ver a marcha.

A esta iniciativa, juntaram-se outras turmas, nomeadamente todas as turmas do 2.º ciclo e uma do 8.º ano e outra do 9.º ano de escolaridade, assim como docentes e funcionários.

Esta marcha de sensibilização dos Direitos Humanos foi o culminar do projeto interdisciplinar 'Mais Direitos, Menos Conflitos – o futuro depende de nós, livres e unidos' em que todas as turmas de 7.º ano (A,B,C,D,E e F) trabalharam ao longo do primeiro semestre. Foram várias as atividades realizadas nas diferentes disciplinas, como



visualização de filmes sobre o tema, reflexão e escrita de textos de opinião, cartazes e faixas com *slogans* alusivos. Também uma recolha de alimentos junto ao Super Estreito – Amanhecer e um torneio de voleibol foram realizados e os bens e valores angariados foram doados à Associação Casa do Voluntário.

Os diferentes trabalhos realizados neste projeto interdisciplinar foram expostos no átrio do pavilhão da nossa escola, junto à biblioteca, para toda a comunidade refletir sobre a temática dos direitos humanos e perceber que há ainda muito a fazer na nossa sociedade.

Todas estas ações tiveram como objetivo principal sensibilizar toda a comunidade escolar para causas sociais pertinentes e permitiu reforçar a importância da participação de todos na construção de uma sociedade mais justa, relembrando direitos essenciais de Liberdade, Igualdade.

Tiago Aguiar
EB23 do Estreito de Câmara de Lobos





Ana Maria Teixeira
EB23 da Torre
(Câmara de Lobos)



'Racismo', Beatriz Fernandes,
EBS/PE/C D.ª Lucinda Andrade
(São Vicente)



'Desalento', Mariana Andrade
EBS/PE/C D.ª Lucinda Andrade
(São Vicente)

Igualdade e Inclusão

A igualdade e a inclusão são aspetos essenciais numa sociedade justa e democrática.

Falar sobre igualdade não significa ignorar as diferenças, mas reconhecer que todas as pessoas devem ter as mesmas oportunidades de acesso à educação, ao trabalho, à saúde e à participação social. Já a inclusão vai além disso: ela exige ações concretas para garantir que ninguém fique para trás, especialmente aqueles que enfrentam barreiras, como pessoas com deficiência, minorias étnicas, populações vulneráveis, grupos discriminados, entre outros... Promover a igualdade implica enfrentar preconceitos e discriminações nascidas na cultura e nas posições sociais. Isso envolve rever práticas institucionais, políticas públicas e atitudes individuais. Não basta tratar todos da mesma forma.

É necessário criar políticas de inclusão que corrijam desvantagens e ampliem oportunidades.

A inclusão, por sua vez, requer escuta ativa e valorização da diversidade. Ambientes inclusivos são aqueles em que as diferenças são respeitadas e vistas como fonte de aprendizagem e inovação. Nas escolas, por exemplo, a inclusão fortalece o desenvolvimento social e emocional.

Construir uma sociedade inclusiva e igualitária é um processo contínuo que depende apenas de nós e das nossas ações. Cada pessoa pode contribuir ao questionar padrões, ao apoiar políticas inclusivas e ao agir com empatia no nosso dia a dia. A igualdade e a inclusão não são apenas ideias abstratas, mas sim condições fundamentais para o desenvolvimento humano e para a construção de um futuro mais justo para todos.

Isabela Perestrelo
EBS de Machico

JOVENS

“Ovelhas brancas” e “ovelhas negras” à procura de respeito

Será que existem “ovelhas brancas” e “ovelhas negras”? Será que existem boas pessoas e más pessoas? Será que as pessoas assumidas como “ovelhas negras” o são verdadeiramente? E as “ovelhas brancas” serão totalmente brancas?

Hoje em dia, especialmente nas turmas das escolas, as pessoas gostam de assumir que há alunos “ovelhas negras”. Estas são normalmente vistas como rebeldes e diferentes. No entanto, quem é visto como “ovelha negra” fica tão habituado a isso que depois, mesmo que queira mudar, não consegue, porque todos estão à espera do seu falhanço. Além disso, ninguém é perfeito, por isso é impossível existir uma “ovelha branca”. Até estas têm dúvidas,

dificuldades, rebeldia dentro delas...

Acredito que todos nós somos “ovelhas matizadas”, porque mesmo na escuridão às vezes encontra-se luz e mesmo na luz, às vezes, encontra-se escuridão.

Portanto, não existem “ovelhas brancas” e “ovelhas negras”. Existe toda uma mistura de cores dentro de cada um de nós, porque as pessoas são todas diferentes, têm todas diferentes formas de ser, de agir, de conviver, de viver. E que importa isso?

É tão bom que seja assim.

Maria Raposo
EBS da Ponta do Sol

O dia em que a minha voz quase se perdeu

No dia em que ninguém me ouviu, percebi como é fácil sentirmo-nos invisíveis.

Durante uma assembleia na escola, apresentei uma proposta para tornar o recreio mais agradável: sugeri mais bancos, mais árvores e um mural onde os alunos pudessem expor os seus trabalhos. Falei com entusiasmo, mas quase ninguém demonstrou interesse. Mudaram rapidamente de assunto, como se aquilo que eu tinha dito não tivesse valor. Saí desanimada e com vontade de desistir. No entanto, ao olhar para o recreio vazio e sem vida, entendi que o problema não era a ideia, era o facto de eu estar sozinha.

No dia seguinte, conversei com algumas colegas, mostrei-lhes os meus esboços e escutei as opiniões delas. Pouco a pouco,

mais alunas se juntaram a nós. Formámos um pequeno grupo e apresentámos novamente a proposta à direção, desta vez acompanhada por várias vozes e um abaixo-assinado.

Dessa vez, já não puderam ignorar-nos.

Aprendi que, por vezes, ninguém nos escuta porque ainda não falámos “alto” o suficiente, ou porque precisamos de unir as nossas vozes. Nesse dia, deixei de ser apenas alguém com uma ideia.

TORNEI-ME ALGUÉM CAPAZ DE FAZER A DIFERENÇA.

Ana Carolina Olim
Colégio Infante D. Henrique
(Funchal)

A VOZ DOS JOVENS

Atualmente, os mais jovens tendem a não ser muito ativos na resolução de problemas na sociedade.

No entanto, as vozes dos jovens têm um enorme potencial para contribuir, com afinco, para a melhoria do mundo que os rodeia. Acredito que, muitas vezes, esta geração não utiliza o poder que existe nas suas vozes para resolver problemas sociais, preferindo utilizá-lo em questões insignificantes que em nada contribuem para a construção do seu futuro.

Por um lado, nas mentes dos jovens persiste uma grande incerteza quanto ao seu futuro profissional, devido à constante transformação do mercado de trabalho, nomeadamente por razões relacionadas com os

avanços tecnológicos e com o desenvolvimento da inteligência artificial.

Por outro lado, a participação ativa dos jovens, bem como a partilha de ideias e de inquietações, é crucial para o bem comum da nossa geração. A título de exemplo, podemos escrever mais textos de opinião, criar ilustrações e pinturas, participar em atividades onde expressemos a nossa perspetiva ou até compor canções.

ACREDITO, TAMBÉM, QUE AS REDES SOCIAIS, TÃO PRESENTES NO QUOTIDIANO DE MUITOS JOVENS, DEVERIAM SER APROVEITADAS PARA ESTES FINS.

Tudo isto contribui para nos mantermos unidos e ativos, preservando a nossa voz e exercendo o nosso direito de nos pronunciarmos, seja sobre o planeta, o país, a comunidade local ou o futuro das nossas profissões.

Vitória Andrade
EBS/PE/C D.ª Lucinda Andrade
(São Vicente)



ENTREVISTA

Cidadania e a Voz dos Jovens no Ensino Superior

Entrevista realizada às alunas Beatriz Sousa (BS), Leonor Menezes (LM), Matilde Silva (MS) e Margarida Spínola (M), do Instituto Politécnico de Bragança, missionárias da 'Missão País', que visitaram a Paróquia do Porto da Cruz e a nossa escola, durante a semana de Carnaval.

Ana Spínola (AS): Como definem igualdade no contexto universitário? Que exemplos observam no vosso dia a dia?

BS: Na universidade, não sentimos muita desigualdade de género ou de raça por parte dos alunos. No entanto, no início do ano, quando desapareceram alguns objetos, houve quem culpasse imediatamente alguns rapazes negros, o que mostra que ainda existem preconceitos.

(AS): Sentem que no ensino superior existe cada vez mais inclusão, por exemplo, para pessoas com deficiências mentais e físico-motoras?

LM: Pensamos que há cada vez mais inclusão de pessoas com deficiências mentais. No entanto, não vemos muitos estudantes em cadeiras de rodas ou com muletas, pois a própria escola ainda não está totalmente preparada em termos de acessibilidades. Mesmo assim, acreditamos que, na nossa universidade, a inclusão tem vindo a evoluir positivamente.

(AS): Acreditam que o ensino superior pode ser um meio para promover a justiça social?

MS: Nem sempre, porque sentimos que alguns professores não tratam todos os alunos da mesma forma.

Às vezes demonstram preferência por certos alunos [os professores], o que consideramos injusto e uma desvantagem para os restantes.

(AS): Acham que os jovens têm hoje mais ou menos poder de influência social?

MS: Têm cada vez mais influência, principalmente por causa das redes sociais, que lhes dão voz e visibilidade.

(AS): Que comportamentos desrespeitosos acham que foram sendo normalizados ao longo do tempo?

M: Responder de forma desrespeitosa aos professores, culpar os docentes pelas notas obtidas,

atitudes racistas, gordofóbicas e tratar mal os outros colegas.

(AS): Por último, gostariam de deixar uma mensagem aos leitores?

Alunas: Sim! Nunca tratem mal nem excluam alguém por ser diferente, por ter mais dificuldades ou por ter uma deficiência. Somos todos iguais e devemos respeitar-nos uns aos outros.

Ana Spínola
EB/PE do Porto da Cruz (Machico)

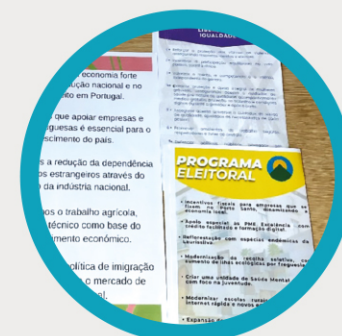
DIFERENTE

Às vezes penso que sou estranha, por ser assim, tão diferente. Mas depois sorrio à janela e vejo que sou contente.

Não quero mudar quem és se às vezes achas-te diferente o que importa nesta vida é viver felizmente.

Ser diferente é ser especial. É ter luz própria para brilhar e eu sendo eu mesma, tenho muito para dar.

Maria Inês Silva
Colégio dos Salesianos do Funchal



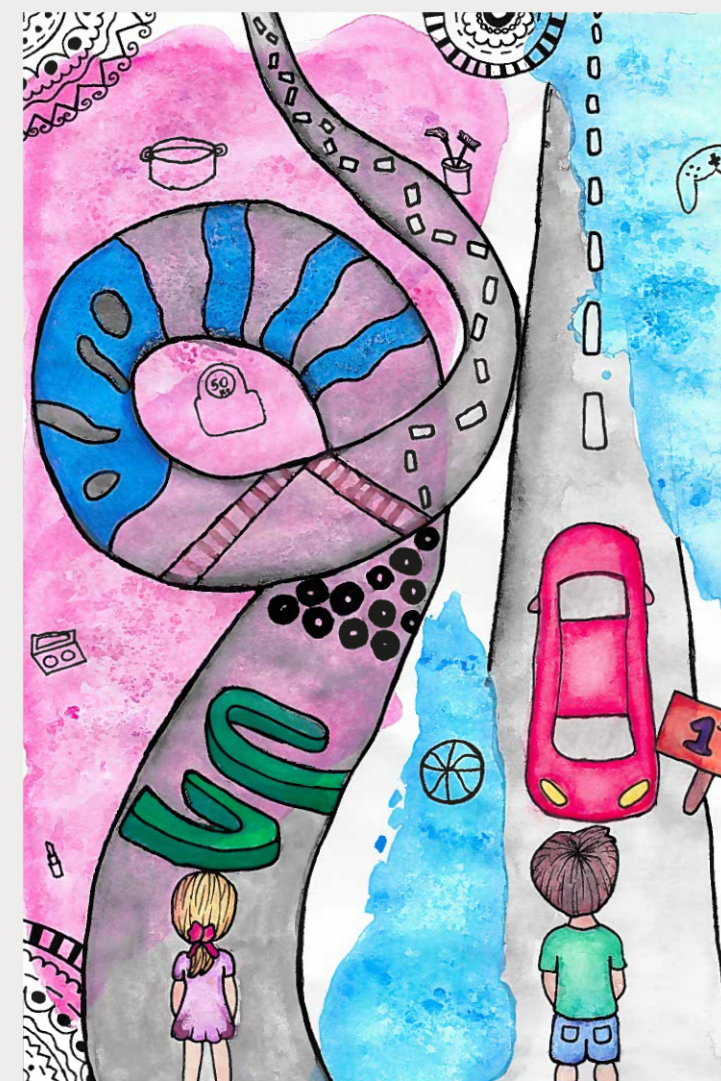
No âmbito da disciplina de *Cidadania e Desenvolvimento*, os alunos da turma do 9.º 2 desenvolveram um projeto que os colocou no papel de fundadores e deputados de partidos políticos criados pelos alunos. A atividade consistiu na criação de um partido de raiz, implicando a escolha do nome, a definição do posicionamento ideológico, a seleção das cores e a elaboração de medidas concretas para diferentes áreas da sociedade.

Após a formação dos partidos, realizaram-se três sessões que funcionaram como uma verdadeira assembleia. Durante essas sessões, os alunos apresentaram e defenderam as suas propostas, colocaram questões aos restantes partidos e responderam a críticas, num ambiente de debate democrático. Cada grupo teve de argumentar, justificar as suas ideias e demonstrar de que forma as suas medidas poderiam contribuir para melhorar a realidade atual.

Entre os temas abordados destacaram-se a educação, o ambiente, a tecnologia e políticas direcionadas para os jovens. O projeto evidenciou que os mais novos têm opiniões fundamentadas e capacidade para propor soluções criativas e concretas para problemas reais.

Mais do que uma simples atividade escolar, esta experiência reforçou a importância da participação cívica desde cedo. Ao assumirem funções de fundadores e deputados, os alunos compreenderam melhor o funcionamento de um partido político e da própria democracia, percebendo que os jovens também têm voz e podem desempenhar um papel ativo na construção de uma sociedade mais justa e participativa.

Afonso Neto
EBS de Machico



Desigualdade de género', Madalena Pinheiro
Externato da Apresentação de Maria (Funchal)

TENHO DIREITO A SONHAR

TENHO DIREITO A SONHAR, MESMO QUE O MEU SONHO NÃO QUEIRAS ACEITAR. TENHO DIREITO A SER DIFERENTE, DE PENSAR POR OUTRA MANEIRA OU DE AGIR COMO QUERO.

NÃO SOU CÓPIA DE NINGUÉM. SOU FEITA DE DECISÕES MINHAS, DE MEDOS E DE CORAGEM. MAS QUE NÃO QUERO EXPRESSAR.

SER DIFERENTE NÃO É ERRAR, É TER CORAGEM PARA CONTINUAR. É PINTAR A VIDA COM OUTRA COR, SEM PEDIR PERMISSÃO E SEM PEDIR FAVOR.

SE O MEU JEITO É DIFERENTE, É PORQUE ASSIM ESCOLHI SER. NÃO VIVO PARA AGRADAR TODA A GENTE, MAS SIM PARA VIVER E CRESCER.

PORQUE SER DIFERENTE NÃO É MENOS. É APENAS SER ÚNICO.

Maria Eduarda Pestana
Colégio Infante D. Henrique (Funchal)

A MULHER E A SOCIEDADE Um longo caminho

Nas aulas de Português e História, temos falado sobre o Renascimento e a poesia de Luís de Camões.

É impossível não notar como a imagem da mulher era diferente naquela época. Ao comparar o que leio nos livros com o que vejo todos os dias na minha vida, percebo que, embora as mulheres tenham conquistado muito, o caminho para a igualdade total ainda encontra algumas dificuldades e tem muitos degraus a serem vencidos. No tempo de Camões, a mulher é quase sempre descrita como um ser perfeito, “divino”, com cabelos de ouro e gestos delicados. Ela não tinha voz própria, não trabalhava fora de casa, não votava e não podia tomar decisões sobre a sua própria vida. O seu papel social era ser filha, esposa ou mãe, sempre dependente de um homem. Ela vivia “fechada” num ideal de beleza e silêncio. Hoje, a realidade na minha comunidade é muito diferente e muito mais dinâmica.

A mulher deixou de ser apenas uma “musa” para ser a protagonista da sua vida.

Quando olho à minha volta, vejo mulheres a desempenhar todos os papéis possíveis. Vejo mulheres que são empreendedoras e gerem os seus próprios negócios, mulheres que são líderes na política local e dirigentes de associações que ajudam os mais pobres.

Uma mulher pode ser o que quiser: médica, engenheira, professora, empresária ou desportista. Ela é tão capaz como o homem, e tem uma capacidade de trabalho e de resiliência incríveis.

Madalena Jardim
EBS Gonçalves Zarco (Funchal)



Se a nossa voz não contar, nada muda

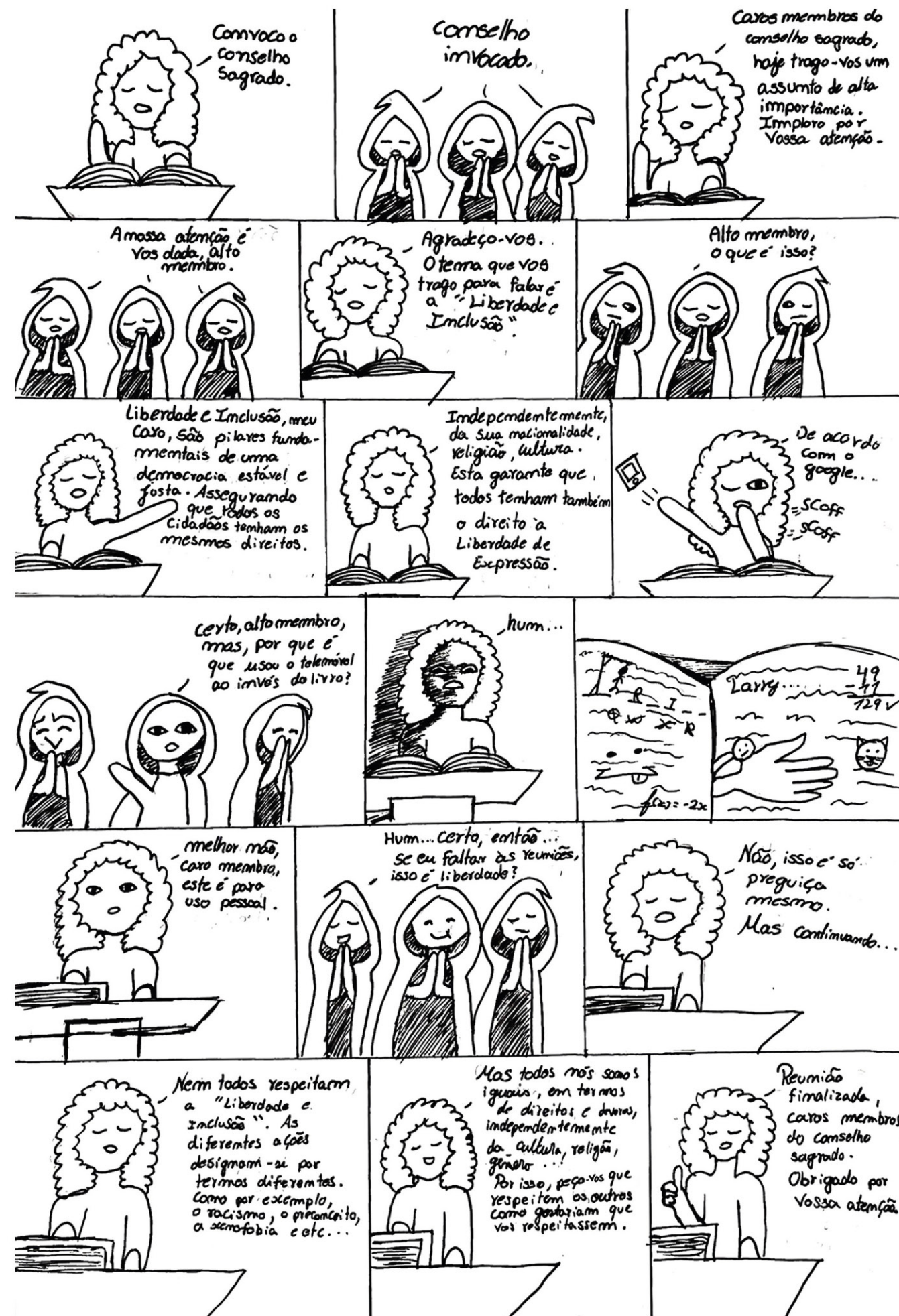
As vezes sinto que, por ter 14 anos, há adultos que acham que a minha opinião não conta. Mas eu vivo neste mundo tanto quanto eles e vejo coisas que não consigo ignorar. Vejo pessoas que têm medo de falar porque alguém se ri do seu sotaque, da sua roupa ou da sua forma de ser. Vejo quem se esconde para não ser gozado. E vejo também quem assiste a tudo em silêncio, como se não fosse problema seu. **MAS É. É DE TODOS NÓS.**

Fala-se muito de direitos humanos, mas esses direitos começam nas pequenas atitudes, no respeito, na empatia e na coragem de dizer “não” quando alguém é humilhado. **O mundo devia ser um lugar onde todos se sentem seguros para serem quem são, e isso só acontece quando deixamos de ser espectadores da injustiça.**

Ser cidadão não é só votar quando formos adultos. É ajudar quem está sozinho, defender quem está a ser atacado, recusar o bullying, ouvir antes de julgar. Pequenos gestos criam grandes mudanças.

Acredito que a nossa geração pode fazer melhor. Podemos escolher incluir em vez de excluir e garantir que ninguém fica para trás. Se usarmos a nossa voz para apoiar e não para magoar, conseguimos construir um mundo onde todos se sintam respeitados. E eu quero fazer parte desta mudança.

Diogo Caldeira
EB/PE do Porto da Cruz (Machico)



Cléo Portugal, EBS/PE/C do Porto Moniz



DESAFIA A TUA CRIATIVIDADE!

... E O PRÓXIMO

IPHONE 16 PLUS

PODE SER TEU!



ENTREGA DE PRÉMIOS REÚNE TALENTO, MÚSICA E CRIATIVIDADE



Claustro do Convento de Santa Clara acolheu a entrega de prémios do concurso **'A Capa do A TUA VEZ É MINHA'**, uma iniciativa que voltou a destacar a criatividade e o talento dos alunos do 3.º ciclo, reunindo entidades, parceiros, alunos, professores e encarregados de educação. Nesta edição estiveram a concurso 222 trabalhos, provenientes de 20 escolas, carregados de talento e mensagem sobre os quatro temas desta série. Foram distinguidos quatro vencedores das capas, dois prémios Diário de Notícias, quatro menções honrosas e três prémios especiais de participação, com o apoio da FNAC Madeira.

Entre os momentos altos destacou-se a atribuição de dois iPhone 16 Plus, oferecidos pela **NOS Madeira**, pela mão da **Dra.**



PARTE QUE PODES
wtff wtff wtff wtff wtff
PARTE QUE PODES



PARTICIPA!



Raquel Silva. Isabel Batista, da EBS de Machico, foi distinguida pela fantástica capa 'A Visão de uma Criança', e **Afonso Neto**, da mesma escola, venceu o prémio 'Mente Criativa' do mês de fevereiro, com a poesia 'A Voz Verde da Laurissilva'. O evento contou ainda com um momento musical da Banda RockL, orientada pelo professor João Paulo Silva, da EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva, numa atuação promovida pela Direção de Serviços de Educação Artística ■ 😊



Sofia Cassaca (FNAC), Elsa Fernandes (Secretária Regional de Educação), Margarida Fernandes (EB/PE/C do Caniçal) e Roberto Ferreira (Subdiretor do DN)